

O CAMARADA CORDIAL: A DEGENERAÇÃO MORAL E TEÓRICA ENTRE MILITANTES E SUAS ORGANIZAÇÕES

Jean Paulo Pereira de Menezes ¹

Resumo

Este artigo trata de algumas palavras sobre um problema geral, que se manifesta no tempo presente. Existem camaradas cordiais por todos os lados. Não, não é uma particularidade de uma organização ou de poucos militantes, mas um problema geral. Por isso nosso artigo não trata de uma exposição interna de apenas uma ou outra organização. Trata-se de problemas mais amplos, como a crise de direção revolucionária e a frágil relação com a teoria.

Palavras-chaves: Crítica. Moral e Educação Teórica.

EL CAMADA CORDIAL: LA DEGENERACIÓN MORAL Y TEORICA ENTRE MILITANTES Y SUS ORGANIZACIONES

Resumen

Este artículo trata con unas pocas palabras acerca de un problema general que se manifiesta en el tiempo presente. Hay camaradas cordiales por todos lados. No, no es una particularidad de una organización o unos pocos militantes, sino un problema general. Por lo tanto, nuestro artículo no trata la exposición interna de una u otra organización. Estos son problemas mas amplos, como la crisis de la dirección revolucionaria y la frágil relación con la teoría.

Palabras-clave: Crítica. Moral y educación teórica.

Não. Não desenvolveremos aqui um debate baseado em Sérgio Buarque de Holanda, mas afirmaremos que existe entre militantes que se reivindicam socialistas revolucionários um comportamento mais ligado àquilo que o autor liberal de Raízes do Brasil (1936) chamou de cordial, bem distante de uma moral revolucionária. Em outras palavras: o camarada cordial está mais para justificativa weberiana de Sergio Buarque do que para a efetivação de Leon Trotsky.

¹ Graduado em História, mestre em História e doutor em Ciência Sociais pela UNESP de Marília. Docente no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba. E-mail: fafica_95@yahoo.com.br

Neste artigo socializaremos algumas de nossas problematizações sobre as militâncias e suas organizações. Escrevemos aqui como historiador e cientista social militante preocupado. Nada mais além disso. Já é muita coisa.

Este artigo estava em construção desde 2015/16, na cidade de Foz do Iguaçu/ Marechal Candido Rondon, no Estado do Paraná, durante o processo de ocupação das escolas, passando de mais de 1000 ocupações. Uma realidade bem diferente da suposta “onda conservadora” propalada por parte da esquerda reformista. Não se trata de preocupações² isoladas ou mesmo presas a atual materialidade de uma outra cidade e Estado em 2019. São algumas palavras sobre um problema geral, que se manifesta na pseudoconcreticidade. Existem camaradas cordiais por todos os lados. Não, não é uma particularidade de uma organização ou de poucos militantes, mas um problema geral! Por isso nosso artigo não trata de uma exposição interna de apenas uma ou outra organização. Trata-se de problemas mais amplos, como a crise de direção revolucionária e a frágil relação com a teoria. Assim, o camarada cordial não precisa fazer biquinho de chateado. De todos nós fala a história, não apenas de ti.

Trotsky em “Questões do modo de vida, a moral deles e a nossa”, publicado pela Editora Sundermann em 2009, tratada a questão moral, sobretudo da vulgarização que trata a moral de forma generalizada, onde o formalismo iguala stalinismo a trotskismo, burocracia com totalitarismo fascista, comunistas e jesuítas. Erro grosseiro e os intelectuais da burguesia sabem disso. Todavia é necessário caluniar, simplificar e em nome de uma moral de “bons princípios”, acusar os revolucionários de amoralismo. Que absurdo. É claro que os revolucionários possuem uma moral, se reivindicam uma moral revolucionária, diferente da moral da reação. O moralismo da reação, sempre com o cajado de Moisés na mão, procura julgar os revolucionários. Até aqui, sem muitas novidades. A questão é que muitos “camaradas”, por não terem acesso a uma formação política revolucionária (entre outros elementos), acabam se comportando como os nossos inimigos de classe. Reproduzem a moral da reação, mesmo que fantasiem o comportamento com vestimentas de uma moral revolucionária. É o camarada cordial.

É o problema do modo de vida que nos mostra, mais claramente do que qualquer outra coisa, em que medida um indivíduo isolado se mostra ser o objeto dos acontecimentos e não o seu sujeito. O modo de vida, isto é, o meio ambiente e os hábitos cotidianos, elabora-se, mais ainda do que a economia “nas costas das pessoas” (expressão de Marx). A criação consciente no domínio do modo de vida ocupou um lugar insignificante na história da humanidade. O modo de vida é a soma das experiências desorganizadas dos indivíduos; transforma-se de maneira de todo espontânea sob a

² Sobre esse debate, acessar Karel Kosik, Dialética do concreto: <https://mega.nz/#F!vOpwmQiJ!nJFgpdsE-0mCF0yOOQYqCA?7bxTiKxC>. Acesso em 07 de jul. de 2019.

influência da técnica ou das lutas revolucionárias e, no total, reflete muito mais o passado da sociedade do que seu presente (TROTSKY, 2009, p. 29).

Muito distante de tudo isso, o camarada cordial³ marca presença em nosso tempo presente, como reprodutor do passado, daquilo que herdou socialmente, do pensamento dominante, da classe dominante.

É desprezível a forma como muitos militantes socialistas utilizam a expressão camarada... ridícula para ser educado. Se diz camarada da mesma forma hipócrita que se diz amigo. Essas palavras expressam conceitos⁴ e, nestes casos, conceitos vulgarizados. É possível observar a palavra camarada como forma de tratamento, como igualmente se tratam os amigos, palavras ocas. Se fala camarada em muitas situações, a maior parte delas, mecanicamente. Mas este é apenas um polo da questão, talvez o de menor problemática, mas que expressa o vazio conceitual⁵ no tempo presente, onde se busca construir a revolução socialista⁶.

Tratam-se por camaradas, mas da mesma forma que o homem cordial, são capazes de amar e odiar ao mesmo tempo. Até aqui, sem nenhum desespero... amar e odiar é um atributo do ser social. A questão é: se pensam como camaradas em uma tradição revolucionária, mas são, na verdade, compelidos a agirem a partir da tradição conservadora, violenta e hipócrita que a burguesia liberal nos educa majoritariamente. Queremos dizer com isso que a formação humana de parte expressiva dos que se entendem como camaradas ainda é marcada pela educação burguesa e não revolucionária.

Quando temos este quadro, o socialista pode sapatear, usar palavras da tradição revolucionária da forma mais pomposa, mas não passará de apenas pompa. Sem formação política revolucionária, ou seja, sem uma educação revolucionária, não tem revolucionário! E aqui é o momento de afirmar que o problema que estamos apenas tangenciando não pode se localizar meramente no indivíduo cordial, o pseudorevolucionário. A questão é mais ampla e complexa. Quando este indivíduo se localiza em uma organização com um programa revolucionário e que não é capaz de dar a formação necessária, este mesmo militante (na

³ Radicalmente diferente do comportamento cordial que estamos apontando neste artigo é o diálogo de Trotsky em carta aberta ao camarada Burnham de janeiro de 1940. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1940/01/07.htm>. Acesso em: 12/07/2019.

⁴ Para uma leitura aprofundada sobre, acessar: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/08/O-conceito-de-Hist%C3%B3ria-em-Marx-Jean-Menezes-FFC-Unesp-Mar%C3%ADlia.pdf>. Acesso em 07 de jul. de 2019.

⁵ Trata-se de um vazio que deve ser entendido de forma relativa, pois o vazio não é tão vazio em uma sociedade educada pelas ideias de uma classe dominante.

⁶ Uma bela e importante apresentação da origem da expressão camarada pode ser lida no artigo de Diego Cruz, disponível em: <https://www.pstu.org.br/em-busca-das-origens-da-palavra-camarada/>. Acesso em: 13/07/2019.

maioria das vezes, bem intencionado) vai reproduzir o conteúdo que possui... e é aquele que a burguesia prepara para a classe trabalhadora: frágil, utilitarista, empiricista, muitas vezes vazio, aquilo que Trotsky chamou de senso comum. Uma perspectiva radicalmente empobrecida de educação (para além das escolas) que é típica da cultura capitalista tardia, que se auto intitula: a “pós-modernidade”!

É grave quando falta a formação política revolucionária. E isso abre possibilidades para que os “camaradas” se tratem sem muitas diferenças de um pequeno burguês e mesmo a classe média criada com os mimos que dificilmente desejam abandonar. Falamos de uma tragédia!

Com essa formação hegemonicamente burguesa empobrecida, o diletante à revolucionário se comporta como qualquer outro ser que ignora os princípios, o programa e a moral revolucionária. Chama de camarada pela manhã, confabula pelas costas pela tarde e de noite convida para ir ao cinema. Uma tragédia! Estamos deliberadamente falando de moral... na negação da moral revolucionária e da reificação da moral burguesa!

Não basta se vincular a um programa revolucionário e a um estatuto. Uma organização revolucionária também é composta por uma moral revolucionária. A moral não é algo eterno e imutável, ou ainda, natural. Ela é desenvolvida historicamente e desta forma, possui um caráter de classe. Distante destes fatores o que identificamos é o camarada cordial, que se localiza na história mais para o que foi chamado no pensamento social brasileiro de “homem cordial” e não um camarada revolucionário.

O “camarada” acorda pela manhã e faz um trabalho interessante na porta da fábrica, mas ao retornar para sua casa é capaz de bater em sua companheira, almoçar e ao noitecer participar de uma reunião partidária sobre opressões e ainda corrigir o vocabulário de outro “camarada” por fazer parte de um campo semântico machista. O “camarada” estufa o peito para gritar: “Viva a revolução!”. Todavia, também é capaz de conseguir uma “boquinha” (fato verificável em parte daquilo que genericamente se chama de esquerda reformista⁷) no período eleitoral para ganhar uma grana. O “camarada” se inscreve para falar da importância da teoria revolucionária, mas é o primeiro a reivindicar o papel da prática, da experiência sob a teoria, pois vê o mundo separado, por isso também não vê problema em fazer um curso sobre a

⁷ É o caso de correntes pseudotrotskyistas que parasitam internamente em partidos degenerados, dependendo materialmente de verbas de gabinetes dos parlamentares e também sindicatos. É o caso da Democracia Socialista (DS) dentro do PT e também é o caso do Psol, ambos recebem dinheiro da burguesia para colocarem em prática a política de conciliação de classes do capital.

burocracia na história dos socialistas revolucionários na Rússia, e na parte da tarde, em sua organização, atropelar toda a base, impondo tarefas deliberadas de sua própria cabeça: neste caso... se vai para além da burocracia, se estabelece uma tirania!

Quando falha a formação teórica⁸, ou seja, uma formação política marxiana, a burguesia nada de braçada, principalmente entre os que se entendem como revolucionários! Para sermos mais enfáticos: a formação “pós-moderna” deita e rola entre parte dos “camaradas” do nosso tempo presente.

O que pretendemos com esta afirmação? Do que falamos quando nos referimos a “formação política” e “pós-modernidade”? Sobre a primeira, trata-se de todo processo de construção do sujeito revolucionário onde a lógica dialética é o “método” central na constituição da sua formação humana, mesmo ainda na sociedade capitalista. Sobre a segunda, trata-se da defesa do processo de “desconstrução”, da negação da racionalidade, da totalidade e fundamentalmente da lógica dialética na formação do indivíduo, pois este estaria fragmentado, e, qualquer tentativa de explicação histórica para além do presente seria apenas um exercício da ideia, pois nestes termos, a realidade mesma não existiria, mas sim realidades, todas válidas igualmente, independente dos fundamentos lógicos e históricos: “*o meu ponto de vista não é menos importante que o seu*”.

Muito bem, não concordamos com isso. A realidade objetiva existe e a negativa disso é a mais absoluta afirmação do irracionalismo. A existência de várias leituras sobre o real, não responde o que ele é objetivamente. A subjetividade do sujeito é um elemento importante, singular e necessário, mas não é ela por si só o que explica o mundo, a realidade, a sociedade de classes. E isso faz muitos camaradas cordiais ficarem revoltados. Vejamos o que José Chasin⁹ diz sobre este ponto:

Quando nós dizemos “meu ponto de vista”, no fundo isso é uma tolice. Este ponto de vista não nasce em mim, mas nasce fora de mim. Ele não é produzido por mim, mas ele é produzido fora de mim e vai a mim. Quem planta este ponto de vista não é a subjetividade. A subjetividade não é autogenética, isto é, ela não dá a luz a seu próprio ponto de vista, mas o ponto de vista é socialmente implantado. A exterioridade gera a carnção, a substância da subjetividade. O ponto de vista subjetivo é um produto objetivo. Não são as formas da subjetividade que engendram os pontos de vista, mas eles são coágulos de realidade sob forma de subjetividade, implantados nesta subjetividade. O meu ponto de vista é apenas a minha participação no coágulo, é a expressão singularizada de um coágulo que é externo a mim (CHASIN, 1988, p. 78).

⁸ Aqui, teoria, teórica, é sempre se referenciando a Marx, teoria é um processo ideal que se faz a partir da realidade, absolutamente diferente do idealismo. Mais uma vez, a formação teórica é um dos elementos que elencamos neste artigo para problematizar, não se trata apenas de considerar este aspecto, mas de entender que ele é fundamental na elaboração de uma práxis revolucionária.

⁹ “*Mas o Chasin não era trotskysta!*”, correto, Aristóteles, Hegel e Marx também não.

É inegável o papel que tem a subjetividade na busca do entendimento do mundo objetivo, mas delegar à ela a resposta do real, absolutamente à ela essa tarefa, é o mesmo que deliberar às ideias a tarefa de construir uma roda, ou ainda, que a partir do sonho ou de suas ideias mais particulares o indivíduo apenas a partir de sua consciência, delibere o que é a realidade objetiva das coisas. Se assim fosse, o mundo seria mais simples, mas não o é. O camarada cordial também ignora isso e pouco ou quase nada faz a sua organização para mudar esse fenômeno (ênfatizando, o problema aqui se expressa no indivíduo – camarada cordial – mas a questão é de ordem maior: é um problema de organização).

Formação¹⁰

Considerando as linhas acima, estabelece-se outra pergunta: e o que tudo isso tem com a formação política marxiana¹¹, com a formação teórica de um militante? Resposta: tudo.

Lênin, ao travar o debate interno na Social Democracia, denunciava o relativismo teórico de parte dos sociais-democratas que ignoravam princípios (muitas vezes supostamente se apoiando em Marx) para tentarem justificar suas práticas políticas revisionistas. Sobre esse desprezo pela teoria, nos diz o próprio Lenin naquele momento de início de século XX:

Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário. Nunca será demasiado insistir nesta ideia, numa época em que a propaganda em voga do oportunismo vem acompanhada de uma atração pelas formas mais estreitas de atividade prática. Para a social democracia russa, a importância da teoria é ainda maior por três razões, muito frequentemente esquecidas, a saber: inicialmente, porque o nosso partido apenas começou a sua formação, apenas começou a conceber a sua fisionomia e está muito distante do acerto de contas com outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho correto. Ao contrário, a época recente se distingue notadamente (como Axelrod já havia antecipado há muito aos “economistas”) por uma revitalização de tendências revolucionárias não social-democratas. Nessas condições, um erro, “sem importância” à primeira vista, pode levar às mais deploráveis consequências, e é preciso ser míope para considerar inoportunas ou supérfluas as discussões de tendências e a delimitação rígida de matizes. Da consolidação de um outro “matiz” pode depender o futuro, por muitos e longos anos, da social-democracia russa (LÊNIN, 2010, p. 81).

¹⁰ Não queremos dar aqui a impressão idealista de que tudo se resume a formação (ou a fragilidade dela), a uma formação política perfeita, pura ou qualquer coisa do gênero. De que bastaria fazermos cursos, lermos livros, termos aulas perfeitas, palestras maravilhosas com super-quadros... para resolvermos o problema e sermos felizes revolucionários prontos para mudar o mundo. Isso seria idealismo, e, nestes termos, um idealismo infantil. Mas ignorarmos a questão de formação política e ideológica, a lógica dialética, certamente também estaríamos no campo do mesmo idealismo infantil.

¹¹ É preciso aqui colocar o marxiano como referencial, pois por formação política pode-se entender muitas coisas diante do vendaval oportunista que varreu a esquerda reformista quando da restauração capitalista no leste europeu.

A flexibilização de princípios e o oportunismo político liquidacionista, na passagem do século XIX ao XX, e, hoje, a defesa de uma suposta pós-modernidade, fora dos círculos que reivindicam a tradição revolucionária iniciada por Marx e Engels guarda até mesmo uma sintonia fina com o liberalismo político e a democracia burguesa, uma vez que ambos prometem a realização através das leis, do Estado e da Igualdade jurídica para todos, independente do posicionamento que o indivíduo ocupa no processo produtivo, chegando mesmo a afirmar a não realidade da luta de classes, ambas correntes, representam a localização de nossos oponentes de classe. Assim, a suposta pós-modernidade é a ideologia cultural do capitalismo, herdeira direta do liberalismo, do reformismo e de todo individualismo burguês e é nela que o camarada cordial é educado!

Tudo isso dialoga com aquilo que Nahuel Moreno (Hugo Bressano) chamou de trotskismo vulgar (no caso dos cordiais que reivindicam a tradição trotskysta), quando debatia de forma crítica com Ernest Mandel no Secretariado Unificado (SU) em seu XI Congresso, que aqui nos ajuda a pensar a vulgarização teórica e a moral:

Atira pela janela o método dialético ao preconizar normas e instituições absolutos ao invés de relativizá-las aos fins e às necessidades da ditadura revolucionária do proletariado e ao desenvolvimento da revolução socialista internacional contra o imperialismo. Assim, declaram as leis fundamentais da dialética marxista no que diz respeito às relações contraditórias entre fins e meios, necessidade e liberdade, todo e partes, forma e conteúdo. Em seu lugar, utiliza um método formal, onde tudo é consequência do desenvolvimento das liberdades e direitos mais absolutos para todo o mundo, sem relação alguma com os fins e as necessidades da ditadura proletária (MORENO, 2007, p. 294).

Todavia, quando da fragilidade da formação política marxiana, quando da caricaturização da lógica dialética na formação política dos militantes revolucionários, de esquerda (e aqui não passa nem de longe, nem mesmo em sonhos, pensar no PT e PCdoB, pois essas organizações há décadas já se degeneraram e capitularam à burguesia) temos um cenário desastroso e que pode levar até mesmo a degeneração da organização revolucionária. Por isso problematizamos a partir do camarada cordial, mas entendemos que se trata de uma das manifestações da crise de direção revolucionária¹², por isso está para além do indivíduo.

Os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam "maduras" para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo

¹² O parágrafo que segue não é suficiente para entendermos a crise de direção, mas é um ponto de partida fundamental. É fundamental que nos aprofundemos com o Programa de Transição de 1938.

período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária (TROTSKY, 2017, p.15).

É verdade que salvo “poucas pessoas” (ironia), ninguém nasce revolucionário. Considerando isso e jamais ignorando a realidade objetiva na sociedade de classes, nos construímos, majoritariamente, na perspectiva do Estado capitalista, da democracia burguesa, das religiões e todo e qualquer tipo de câncer que mata, isso mesmo, câncer que mata!

Então, quando chegamos em uma organização, por exemplo, que reivindica o bolchevismo (no Brasil existem várias delas: MRT, PCO, LBI, Transição Socialista, PSTU, etc.), não chegamos nela bolcheviques, mesmo que esta aproximação se dê com alguns elementos do bolchevismo no bolso. Portanto, não nascemos marxistas revolucionários e nem existe uma tabela a ser seguida para medirmos o quanto um é mais revolucionário do que o outro. Porém, e, com efeito, é possível identificar na realidade objetiva, no mundo concreto os elementos e os efeitos da perspectiva pós-moderna entre os “revolucionários” que chamamos aqui de camarada cordial. E estes efeitos são catastróficos para a luta dos trabalhadores contra o capital, e, mais imediatamente, para a organização que este sujeito pertence.

A formação “pós-moderna” em detrimento da formação revolucionária é responsável pela negação da teoria revolucionária, da lógica dialética e a reprodução de subjetivismos capazes de provocar verdadeiros estrondos na estrutura das organizações que reivindicam a tradição revolucionária bolchevique¹³. Estrondos, aqui, se trata de problematizarmos as análises e caracterizações equivocadas e fundamentalmente na deliberação de políticas também equivocadas. Em outras palavras, queremos dizer que o militante (seja um quadro ou não, mesmo o aspirante) quando guiado por uma formação “pós-moderna” (e consideramos que isso pode ocorrer sem a consciência de todo esse processo), mesmo que verse a partir de um campo semântico recheado de palavras da tradição marxista, não é capaz de entender os conceitos, nem identificar as categorias e acaba por agir de acordo com a sua origem de senso comum, procurando (na melhor das hipóteses) analisar e caracterizar a realidade a sua volta a partir da consciência que tem das próprias coisas. Temos aqui o câncer desejando ser uma flor, mas não passará de um verme cujo o único jardim que lhe pode ser destinado pela lógica dialética é o jardim da flora intestinal.

¹³ Sobre essa perspectiva de uma organização Bolchevique, sugerimos o livro de Francesco Ricci, escrito de forma didática sobre esse tema: “A atualidade de um partido do tipo Bolchevique”, de 2017.

Não é possível conciliação entre formação “pós-moderna” e formação marxiana. Postular, ignorar, ou fazermos de conta que este problema não está dado entre os revolucionários é um grande erro e abertura do terreno para a construção de políticas que se fantasiam de revolucionárias, mas não passam de práticas “pós-modernas”, justamente de uma ideologia capitalista que deveria ser combatida com toda potência, munidos da lógica dialética para isso (mas o camarada cordial sempre acha que já está pronto, que já manja disso tudo, lástima, pois ao pensar isso ele se associa ao time dos ignorantes). Mais uma vez, todavia, não é isso que observamos em parte daqueles que se colocam fantasiados! A fantasia sempre será uma manifestação fantasmagórica da coisa.

A título de uma boa comunicação textual, permitamos uma breve alegoria, rápida, para não sermos acusados pelos reformistas “pós-modernos” de caricaturizadores de suas ideias. Imaginemos um militante ou mesmo um grupo de militantes que se reivindicam bolcheviques, trotskistas, mas sem uma sólida formação teórica, principalmente por entenderem já a terem. A partir disso estes mesmos militantes, “pós-modernos”, porém, fantasiados de marxistas revolucionários, possuem a tarefa de agitarem e propagarem o programa revolucionário de sua organização. Até aqui parece tudo muito óbvio e nosso leitor pode se perguntar: onde está aqui no mundo real o problema de tudo isso?

O problema pode ser visto quando iniciamos com algumas perguntas: o que é agitação? O que é propaganda? E obtemos exatamente a seguinte resposta: “Agitação é falar pouco para muitas pessoas, e propaganda é falar muito para poucas pessoas”! Se considerarmos estas respostas apenas como um ponto de partida poderíamos estar indo muito bem, mas o que evidenciamos não é tão feliz assim. Muitas vezes, na prática, não se preocupa em ir além destas definições mecânicas. E poderíamos até mesmo citar sobre esse mecanicismo como sendo o elemento predominante em muitos cursos que possuem como proposta a consolidação e formação de novos militantes e dirigentes.

Friedrich Engels nos alerta sobre a importância da luta teórica articulada a luta política e econômica-prática e o papel do dirigente em relação as questões teóricas. Um erro teórico pode nos conduzir há caminhos extremamente distantes da nossa estratégia. Vejamos como Engels coloca a questão em “A guerra dos camponeses alemães” no prefácio de 1874:

Será nomeadamente o dever dos dirigentes esclarecer-se cada vez mais sobre todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência de frases tradicionais, pertencentes à velha visão do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, também quer ser exercido como uma ciência, isto é, estudado (ENGLES, 2019, p. 02).

Como poderá neste momento da história o militante sem ou com uma formação mecanicista, trabalhar com a lógica dialética na construção de outra sociedade que supere a sociedade capitalista? A resposta para este momento da história é clara: não será possível.

E aqui chegamos em outro “ponto vista” (observem que a cada passo que damos rumo ao subterrâneo dessas práticas fantasiadas de revolucionárias, a questão fica cada vez mais complexa), pois quando questionado sobre o marxismo revolucionário, no que tange a fazer a revolução mundial, é possível observar uma espécie de aura, onde o “militante” quase tomba para os lados e cai duro no chão, pois não consegue dizer, “no fundo”, não se acredita que isso seja possível, que a construção da revolução socialista é algo muito abstrato e portanto muito irreal, isso mesmo: Irreal! Um marxista que não acredita na revolução? Sim, chega-se a este ponto! (Está aí o PSOL que não nos deixa dúvidas e também o SU de hoje)

A perspectiva “pós-moderna” coloca para o “militante” (o camarada cordial) a ordem de conciliação de classes, ignorando o antagonismo. Princípios são flexibilizados em nome de ações táticas entendidas como indispensáveis para o nosso crescimento (o crescimento de um câncer não é benéfico nem mesmo para o jardim de uma flora intestinal, pois leva-se a flora, o intestino e todo o corpo para debaixo da terra!), quando na realidade o que se obtém é a inversão destruidora, onde a tática ganha status de estratégia supostamente revolucionária. Pode parecer uma simples inversão da ordem das coisas, mais não é, pois aqui a ordem dos fatores altera radicalmente o resultado. Vejamos dois casos problemáticos. O primeiro caso trata de demonstrar (assim como o segundo) a tática ocupando o lugar da estratégia e o segundo da incoerência centrista diante do idealismo.

Os revolucionários participam energicamente (ou deveriam) participar dos processos eleitorais para o parlamento burguês. De que maneira? Levando nosso programa para toda a classe ludibriada pelos partidos burgueses, denunciando a mentira, os financiamentos de campanha e de que não se deve ter a mínima esperança de transformação, de revolução, pela via eleitoral. Assim mesmo, caso eleito algum tribuno da classe trabalhadora, a sua tarefa não deveria ser outra a não ser a de continuar a denúncia do caráter apenas reformista (isso quando não se defende reformas apenas sem mesmo a fazê-las!) e ideologizador do discurso burguês. Entretanto se o militante não possui o mínimo de formação revolucionária... como é que poderemos esperar que ele desenvolva esta ação tática sem se perder junto aos princípios “pós-modernos”, portanto da burguesia capitalista? Como, se ignora a teoria e a moral revolucionária?

Que prática política pode-se esperar de militantes que vão as ruas, etc... no período eleitoral sem formação teórica, que não a reprodução da prática do próprio oponente de classe? Ou este tipo de conhecimento se daria por osmose ou pela mais pura ação política em uma cena hegemônica pelo histórico patrimonialista, clientelista, corrupto e elitista do processo eleitoral burguês em nosso tempo presente?

Queremos dizer com isso que sem formação teórica revolucionária, por mais que esse militante esteja bem-intencionado não é possível denunciar, mas sim, reproduzir a lógica da burguesia em relação à política e a tática se perde totalmente, pois capitulamos às ações do próprio inimigo de classe. Neste caso a tática perdeu todo o seu propósito e o problema não para por aqui, pois as consequências desse ponto podem ser elevadas à números mais complexos, fazendo que este militante desacredite na construção revolucionária, se encontrando cada vez mais da proposição “pós-moderna” de derrotismo, de desânimo e fascinado pela busca de algum tipo de realização no seu tempo presente, que, ignorando o movimento dialético da história, não será capaz de entender o real, chegando até mesmo a afirmação categórica da sua negação! E tudo isso que dissertamos aqui vai por uma perspectiva positiva de nossa parte, pois a situação é bem mais polêmica e mais traumática (e não fora por maldade que utilizamos a figura do câncer aqui! Lutamos por uma linguagem depurada).

Diante de tudo isso, perguntamos: “O que acontece camarada? Qual a diferença entre tática e estratégia?” Se tivermos mais uma vez o isolamento mecânico de uma resposta de cartilha identificaremos como parte dos militantes possuem uma formação política marxiana radicalmente frágil ou apenas repleta de definições, onde a compreensão dos conceitos e categorias se resumem ao significado das palavras de acordo com os dicionários e enciclopédias, tudo isso na melhor das hipóteses!

Claro que o nosso camarada cordial gritará: “Academicistas! Teoricistas! Intelectuais sem práticas revolucionárias”!!! E responderemos enfaticamente rápidos: “Nada disso, trata-se da necessidade da lógica dialética, da práxis revolucionária, não se trata de teoria e de prática apartadas, trata-se justamente de não admitir a separação entre estes dois aspectos camaradas! Trata-se aqui de identificar um problema sério nas fileiras revolucionárias e não se calar diante dele. Trata-se aqui de reivindicar algo que a importante cartilha jamais será capaz de nos ofertar, menos ainda se nem a cartilha (o abecê do Comunismo) se sabe que existe ainda!

Passemos assim para a segunda situação que gostaríamos de colocar: a questão religiosa/idealismo. O que acontece quando o “militante” bolchevique fantasiado abre a boca para falar de religião e religiosidades? Escreveremos sem fazer nenhuma concessão aos

cordiais, assim manteremos nossa perspectiva, que não é a mais arrogante, mas que acreditamos estar correta diante de uma formação mais ligada a suposta “pós-modernidade” do que a tradição marxista revolucionária, se com isso, não agradamos muitos lutadores, não poderemos fazer absolutamente nada a não ser sugerir que reflitam, não na balada, mas em seus organismos, como revolucionários seriamente preocupados em concordar ou apontar a refutação daquilo que socializamos aqui.

Trotsky se dirigia a juventude acerca da teoria, dos estudos, desta forma, à formação política que aqui debatemos, criticando o idealismo:

Munir a vontade, e não somente o pensamento, dizemos, porque em tempos de enormes abalos mundiais, mais do que nunca, nossa vontade só se fortalece e se torna indestrutível sob a condição de apoiar-se na compreensão científica das condições e causas do desenvolvimento histórico.

Por outro lado, justamente em tempos cruciais como esses, especialmente o nosso, se ele arrastar-se longamente, isto é, se o ritmo dos eventos revolucionários no Ocidente mostrar-se mais vagaroso do que o esperado, potencializam-se ao extremo as tentativas das diversas escolas e seitas filosóficas idealistas e semi-idealistas de apoderar-se da consciência da juventude operária. Pegas de surpresa pelos acontecimentos – sem a rica experiência prévia da prática nas lutas de classe –, as mentes dos jovens operários podem mostrar-se indefesas às diversas doutrinas idealistas, que não são nada mais do que a tradução dos dogmas religiosos para uma linguagem pseudofilosófica. Todas essas escolas, apesar das diversas denominações idealistas, kantianas¹⁴, empiriocriticistas¹⁵ e outras, no fim das contas convergem ao afirmar que a consciência, o pensamento, a cognição precede a matéria, e não o contrário (TROTSKY, 2019, p.01).

Como postulamos, há uma imperiosa necessidade de travar esse debate com os camaradas cordiais e suas organizações. É importante não se esquivar desta questão, cordialmente, se escondendo ou evitando o debate sobre formação teórica materialista, contra educação supostamente pós-moderna que ganha cada vez mais espaço nas organizações que se apresentam como sendo de esquerda, sobretudo por não admitirem (para aquelas que não admitem ainda) a fragilidade e a péssima formação que podem oferecer aos seus aspirantes, militantes e dirigentes.

¹⁴ Na carta, nota 3: [Nota 73 das Obras] Kant – ver tomo 20, nota 76. [A referida nota, pertencente ao artigo “Rússki Dárvin” (“O Darwin russo”), resume brevemente as teses das principais obras de Kant e cita os nomes de alguns críticos marxistas de suas ideias – N.T.].

¹⁵ Na carta, nota 4: [Nota 74 das Obras] Empiriocriticismo – corrente filosófica fundada pelo filósofo alemão Richard Avenarius e pelo físico austríaco Ernst Mach, independentes entre si, nos anos 1890 e 1900 (somente Avenarius emprega o termo “empiriocriticismo” para designar suas posições). Essa corrente tinha como objetivo “superar” a oposição entre materialismo e idealismo e retornar a uma visão “natural” do mundo, mas na prática ela apenas reaviva, num formato renovado, as velhas falácias idealistas dos filósofos ingleses do século XVIII Berkeley e Hume. Em sua época, o empiriocriticismo exerceu grande influência sobre vários marxistas russos ([Aleksandr] Bogdánov, [Anatóli] Lunatchárski, [Pável] Iuchkévitich e outros) que tentaram conciliar as visões de Avenarius e Mach com o materialismo econômico. Essas tentativas sofreram fortes críticas da parte de [Gueórgui] Plekhánov, Lênin, [Abram] Debórin, [Liubov] Axelrod e outros.

Os efeitos deste tipo de recepção em muitas organizações são catastróficos, pois a formação predominantemente burguesa e “pós-moderna” é a hegemônica nestes primeiros momentos nos espaços de deliberação política. Com isso o camarada cordial é cultivado e a crise é um fato. E como é que vão deliberar? Será com a mentalidade hegemônica da burguesia, da manifestação cultural do capitalismo que é a “pós-modernidade”. Não será de forma a dialogar com a tradição bolchevique... Esta que Trotsky cita logo acima. Isso leva tempo e ignorar estas nossas problematizações é declarar a morte que qualquer organização que se reivindica revolucionária, pois esse camarada cordial, uma vez em número hegemônico em dada organização, vai deliberar como maioria as políticas a partir de análises e caracterização lançadas pela classe burguesa, mesmo quando militantes bem-intencionados.

Observem que não desejamos tratar aqui de uma culpabilização do camarada cordial, mas de fazermos a publicização de uma problemática que devemos encarar e não varrer para debaixo do tapete como se nada estivesse acontecendo! Dito assim, passamos às religiões (na passagem acima, Trotsky não está se referindo a religião como faremos agora, mas ao idealismo) e religiosidades, observem como este ponto tão básico para o pensamento de Marx, Engels, Lênin e Trotsky é negado pelo “militante” do tempo presente fantasiado! Aqui se demonstra que algo de que muitos pensam ser dado como resolvido ainda está brutalmente longe de qualquer encaminhamento na perspectiva da lógica dialética e sim caminhando na perspectiva da formação “pós-moderna”.

O camarada cordial grita freneticamente: “viva o pluralismo!”, “viva todas as religiões!”. Pensamos que as coisas não são bem assim, ao menos, não deveriam ser para aquelas organizações que reivindicam o pensamento marxiano! Isso mesmo, o camarada cordial pode até fazer biquinho mais uma vez... pode olhar para o coleguinha ao lado e fazer caras e bocas, mas o pensamento marxiano é ateu, será preciso aprender a conviver com este fato.

É verdade que o ateísmo de Marx não tem nenhuma relação com grande parte do ateísmo que encontramos hoje. Em nosso tempo presente, aquilo que se auto rotula por ateísmo não passa de xingamento judaico-cristão e muita, muita preguiça de estudar para entender a história e uma sociologia das religiões. Atenção, entender, não é defender... Marx nos legou uma perspectiva crítica das religiões, crítica revolucionária, não a defesa delas. A crítica revolucionária das religiões é fundamental para entendermos o presente que atuamos e a tradição socialista revolucionária sempre levou isso muito a sério, mas não se tratou de criar uma frente entre revolução e religião. As religiões são extremamente importantes, são formas

de consciência. É preciso entendê-las, conhecer os seus limites, não se trata de pratica-las!¹⁶ Todavia, o camarada cordial, de uma organização que despreza a teoria socialista revolucionária, ou mesmo entre aquelas organizações onde a relação com a formação teórica é frágil, pode nos dizer: “mas hoje é totalmente possível ser trotskysta e kardecista!”. Como escrevemos acima... ninguém nasce pronto... é preciso que as organizações revolucionárias eduquem os seus militantes, do contrário, mais e mais camaradas cordiais continuarão existindo. O camarada cordial pode ser o que ele desejar ser, mas isso não quer dizer que ele conseguirá ser o que deseja. A questão aqui são os limites da conciliação que o cordial reproduz no dia a dia. O camarada cordial muito provavelmente, a esta altura, estará nos achando não muito cordial, numa palavra: jamais pretendemos ser. Há uma radical diferença entre cordialidade e crítica.

Mas para buscarmos uma consideração final, o camarada cordial não nos falará (muito provavelmente) muita coisa... ele procurará ser cortês. Poderá ficar extremamente incomodado com as nossas poucas palavras, mas não se sentirá à vontade para discordar, preferirá agir pelos bastidores, pelas costas, exatamente como faz o homem cordial educado pela classe dominante. O camarada cordial não tem relações de camaradagem de verdade. O que ele possui é uma relação política ensinada pela burguesia reacionária... é o que ele tem para reproduzir. Por isso o “camarada” ama e odeia, oculta o pensamento e desabafa no particular. Sorri ao mesmo tempo que senti ódio. Chama de “camarada” pessoas que não confia e tem repúdio. Esse tipo de formação provoca estragos nas organizações revolucionárias. Capitulam ao passo que surgem as mais pequeninas dificuldades de organização e abandonam a luta organizada na primeira oportunidade que a burguesia lhes oferece. São vaidosos, vazios, são cordiais! Uma organização socialista revolucionária precisa se preocupar mais com a formação dos seus militantes e dirigentes. Do contrário, a degeneração é o caminho mais claro.

Referências

CHASIN, José. **Superação do Liberalismo**. Aulas ministradas durante o curso de pós-graduação em Filosofia Política, promovido pelo Dep. de Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02 de 1988. Arquivo pessoal, 2019.

¹⁶ Sobre uma introdução ao que alguns intelectuais chamam de “sociologia das religiões”, neste caso, a partir de Marx, sugerimos que assistam estas duas aulas: <https://www.youtube.com/watch?v=hLa1AlkexVY> e <https://www.youtube.com/watch?v=FF4mwcJQEiU>. Acesso em 07 de jul. de 2019.

ENGELS, Friedrich. **A guerra dos camponeses alemães**. Tradução de Álvaro Pina. Edições Avante – Progresso, Lisboa, 1982. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1870/02/11.htm#tr10>>. Acesso em 18 de jul. de 2019, (arquivo pessoal impresso).

MORENO, Nahuel. **A ditadura revolucionária do proletariado**. Trad. Paulo Maffei. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

RICCI, Francesco. **A atualidade de um partido do tipo Bolchevique**. Trad. de Alberto Albiero e Eraldo Strumiello. São Paulo: Sundermann, 2017.

TROTSKY, Leon. **Atenção à teoria** (Vnimánie k teórii). Tradução de Erick Fishuk. Carta de 27 de fevereiro de 1922. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1922/02/27.htm>>. Acesso em 18 de jul. de 2019, (arquivo pessoal impresso).

TROTSKY, Leon. **Programa de Transição**. Trad. Ana Beatriz da Costa Moreira. São Paulo: Sundermann, 2017.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida, a moral deles e a nossa**. Trad. Diego Siqueira e Daniel Oliveira. São Paulo: Editora Sundermann, 2009.